

# Entre palavras e imagens: o que se passa?

*Through words and images: what goes on?*

**Marcelo Vinícius Costa Amorim, Tânia Maia Barcelos**

## Resumo

Este artigo decorre de trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado na Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT/GO). Trata-se de uma parceria fecunda construída nos processos de escrita e orientação, buscando problematizar o que se passa entre palavras e imagens, por meio da aproximação com o poeta Manoel de Barros (1916-2014). A partir de Deleuze e Guattari (1995), Kastrup (2015), dentre outros, utilizamos o método cartográfico, aberto aos encontros, fluxos e saberes provisórios que nos possibilita, também, resistir os modos acadêmicos majoritários de escrever/pensar instituídos nas práticas cotidianas da universidade. A aproximação com o poeta possibilita aprendizados importantes: desenhar palavras de outras maneiras, apreciar miudezas e a velocidade das tartarugas. Neste processo, orientadora e orientando, desafiados a não se furtarem à condição de aprendizes, conquistam uma pequena saúde e constataam que a formação em psicologia pode, também, ser estética, poética e porosa a diferentes linguagens e despropósitos.

## Palavras-chave

Palavras, Imagens, Manoel de Barros

## Abstract

*This article derives from an undergraduate thesis presented in the Psychology Graduation of the Federal University of Catalão (UFCAT/GO). It's a prosperous partnership built on the processes of writing and orientation, in search of problematizing what goes on between words and images, through approaching the poet Manoel de Barros (1916-2014). From Deleuze and Guattari (1995), Kastrup (2015), and others, we use the cartographic method, open to meetings, flows and provisional knowledge, which also enables us to resist the majority academic ways of writing/thinking instituted in everyday practices of the university. The rapprochement with the poet enables important learning: drawing words in other ways, enjoying the small things and the speed of turtles. In this process, mentor and student, challenged not to avoid the status of learner, achieve a little health and realize that training in psychology can also be a esthetic, poetic and porous to different languages and nonsense.*

## Keywords

Words, Images, Manoel de Barros

**Marcelo Vinícius  
Costa Amorim**

**Universidade Federal de  
Catalão (UFCAT)**

Graduado em Psicologia e  
Mestrando no Programa de Pós-  
Graduação em Estudos da  
Linguagem da Universidade  
Federal de Catalão (UFCAT).

[m.viniciuh@gmail.com](mailto:m.viniciuh@gmail.com)

**Tânia Maia Barcelos**

**Universidade Federal de  
Catalão (UFCAT)**

Docente do Curso de Psicologia  
da Universidade Federal de  
Catalão (UFCAT).

[taniamaia.barcelos@gmail.com](mailto:taniamaia.barcelos@gmail.com)

## Introdução

Este artigo decorre de um trabalho de conclusão de curso (TCC) apresentado na Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Catalão (UFCAT-GO). Trata-se de uma parceria fecunda construída nos processos de escrita e orientação, buscando problematizar o que se passa entre palavras e imagens, por meio da aproximação com o poeta Manoel de Barros (1916-2014).

Tomamos como ponto de partida as seguintes perguntas: como brincar com as imagens, as palavras e sustentar outros modos de pensar/escrever e produzir conhecimentos? Como fazer com que a escrita e o pensamento ganhem velocidade por meio das imagens? É possível combater a escrita “higiênica”, “neutra”, “asséptica” e exercitá-la como uma função estética e política de criação de si (MACHADO, 2004)?

As perguntas iniciais mobilizam pequenas batalhas em defesa de uma escrita atravessada por aquilo que afeta nossos corpos, tentando responder e, também, resistir aos ditames dos “tempos-textos-mercadoria” (COSTA, 2017, p. 18) com suas políticas e engrenagens de vigilância e voracidade. Isso faz com que habitemos lugares de tensão entre dois campos fundamentais da linguagem - o das palavras e o das imagens -, os quais compõem um misto fundamental no percurso construído ao longo deste trabalho.

Como argumentam Deleuze e Guattari (1995, p. 37), “entre as coisas” não designa uma correlação localizável, mas um movimento transversal que as carregam “[...] riacho sem início nem fim, que rói suas duas margens e adquire velocidade no meio”. É isso que buscamos aqui: adquirir velocidade entre as imagens e as palavras, não para fugir das exigências da escrita acadêmica, mas para criar linhas de escape à linguagem majoritária e afirmar o rigor ético, estético e político na pesquisa. Escrever para ampliar e fortalecer o corpo com atenção e sensibilidade ao que nos afeta e alerta: “há que se cuidar da vida/há que se cuidar do mundo”<sup>1</sup>.

Iniciamos este texto seduzidos pelo plano da experimentação que se anuncia e suscita coragem para exercitar um pensamento encorpado. “É com o corpo que uma questão se faz. É no corpo pensante e vibrante que uma perturbação engendra a vida que cria” (POZZANA, 2013, p. 335). Escolhemos a cartografia como método transversal, por sua pertinência para acompanhar os processos e desestabilizar eixos cartesianos em que as formas se apresentam previamente categorizadas. Não operando com modelos de investigação, mas por meio de pistas e procedimentos encarnados em dispositivos, a cartografia busca captar “movimentos constituintes das formas e não do já constituído do/no produto. O método vai se fazendo no acompanhamento dos movimentos das subjetividades e dos territórios” (KASTRUP; BARROS, 2015, p. 77).

Nesta perspectiva, os dispositivos, compostos por linhas diversas (de visibilidade, enunciação, força e subjetivação), caracterizam-se por uma capacidade de irrupção e produção de tensionamentos e deslocamentos. Eles são feitos de conexões que não obedecem a planos predeterminados. O método da cartografia possibilita acompanhar tais linhas que funcionam ao mesmo tempo e se entrecruzam, traçando rupturas e enrijecimentos. Assim, o trabalho do pesquisador/cartógrafo implica acompanhar os processos, seus efeitos e abrir-se aos aspectos inventivos, habitando e construindo territórios que, a princípio, não se habitava. A produção do conhecimento, ao longo do percurso da pesquisa, envolve a atenção e a criação do próprio território de observação. A atenção é flutuante, concentrada e aberta (KASTRUP, 2015).

Conforme Costa (2014), a cartografia é uma prática de pesquisa suja, distante da assepsia e da limpeza que o método científico positivista propõe.

### 1

Trecho da canção Coração de estudante, de Milton Nascimento e Wagner Tiso, lançada em 1983. Disponível em: <http://www.miltonnascimento.com.br/discos.php>. Acesso em: 11 fev. 2019.

Ela é uma prática corporal que decorre dos encontros e abre passagens para os fluxos e saberes provisórios. “Trata-se de uma autoria do corpo, de traçados do corpo no encontro com o mundo, de trajetões corpo/autorais” (COSTA, 2014, p. 74). O cartógrafo sabe que seu saber é vacilante, assim como a realidade que se ocupa. Misturando-se com sua pesquisa, de caminhos errantes, o cartógrafo está suscetível a contaminações produzidas ao longo do processo, pois “cartografar exige como condição primordial estar implicado no próprio movimento de pesquisa. A sujeira é essa mistura necessária” (COSTA, 2014, p. 71) que faz com que o cartógrafo pergunte o que brota nos intervalos e nos espaços improváveis, muitas vezes refugados ou avaliados como não importantes. Do cartógrafo, espera-se porosidade às microssensibilidades que se instauram nas zonas fronteiriças.

Rolnik (1989) argumenta que o cartógrafo digere matérias de expressão de diferentes procedências e cria língua para os afetos que pedem passagem, desenhando e acompanhando, ao mesmo tempo, os movimentos de transformação da paisagem psicossocial. O cartógrafo apreende movimentos decorrentes da tensão entre fluxos e representação ou da coexistência da macro e micropolítica, que são complementares e indissociáveis na produção de realidade psicossocial. “O que ele quer é mergulhar na geografia dos afetos e, ao mesmo tempo, inventar pontes para fazer sua travessia: pontes de linguagem” (ROLNIK, 1989, p. 67).

Para nos auxiliar nesta travessia, de pensar o que se passa entre imagens e palavras, contamos com a preciosa companhia de Manoel de Barros, importante poeta brasileiro do século XX, que nos encoraja a criar novas linguagens, nas quais as palavras são expressas de modos inusitados e as imagens brotam em momentos imprevistos. Somos desafiados a pensar fora das margens ou fronteiras da nossa área de conhecimento específico: a psicologia.

Poesia, miudezas, desenhos se entrecruzam e nos tiram do eixo, impelindo-nos a uma escrita rítmica, ora mais próxima da linguagem convencional, ora mais flexível e aberta aos acasos dos encontros com Manoel de Barros, lembrando que “a gente não gostava de explicar as imagens porque explicar afasta as falas da imaginação. A gente gostava dos sentidos desarticulados como a conversa dos passarinhos no chão a comer pedaços de mosca” (BARROS, 2015, p. 142).

Imagem 1 - Se busco, seja o que busco (Fonte: Desenhos autorais de Marcelo V. C. Amorim).



## Aproximações com Manoel de Barros e as irresponsabilidades de entortar paisagens

Vão dizer que não existo propriamente dito. / Que sou um ente de sílabas. / Vão dizer que eu tenho vocação pra ninguém. / Meu pai costumava me alertar: / Quem acha bonito e pode passar a vida a ouvir o som / das palavras / Ou é ninguém ou zoró. / Eu teria 13 anos. / De tarde fui olhar a Cordilheira dos Andes que / se perdia nos longes da Bolívia / E veio uma iluminura em mim. / Foi a primeira iluminura. / Daí botei meu primeiro verso: / Aquele morro bem que entorta a bunda da paisagem. / Mostrei a obra pra minha mãe. / A mãe falou: Agora você vai ter que assumir as suas/ irresponsabilidades. / Eu assumi: entrei no mundo das imagens (BARROS, 2015, p. 119).

Aproximamo-nos de Manoel de Barros<sup>2</sup>, escritor que faz poesia com despalavras e nos auxilia nesta jornada-escrita que busca uma produção de conhecimento suja, errante e encarnada. Barros desacelera-nos e desloca nosso olhar, voltado, geralmente, para as problematizações clássicas e históricas da nossa área de formação. A força das imagens que brotam neste texto convoca outras palavras, outros modos de pensar/escrever, distanciando-nos das padronizações das linguagens pouco porosas às possibilidades estéticas.

As imagens, aqui, não visam ilustrações. Elas possibilitam o exercício lúdico do pensamento, um desafio urgente e necessário em tempos de extremo cansaço e desgaste com a violência das práticas produtivistas, com suas metodologias, cobranças e seus resultados alcançados com menos prazos possíveis. Corpo e pensamento brincam e arriscam a fazer novos rabiscos, fazendo com que o texto ganhe novos contornos. Os desenhos geram leveza, pequenos movimentos de vôo e alegria. “Se um pinguinho de tinta cai num pedacinho azul do papel, num instante, imagino uma linda gaivota a voar no céu. Vai voando (...)”<sup>3</sup>.

Imagem 2 – Alegres brincadeiras (Fonte: Desenhos autorais de Marcelo V. C. Amorim).



Na obra de Manoel de Barros, conforme Carpinejar (2001), há uma exuberância das inutilidades ou daquilo que não tem serventia, como ossos, latas, barbantes, sabugos, coisinhas do mato e do chão. O poeta escolhe o entulho, o traste, as sobras, as coisas imprestáveis, as miudezas, os pormenores, produzindo luxo a partir do lixo. “O que é bom para o lixo é bom para a poesia” (BARROS, 1990, p. 180, apud CARPINEJAR, 2001, p. 28).

### 2

Manoel Wenceslau Leite de Barros, considerado um dos maiores poetas brasileiros, nasceu em Cuiabá em 1916 e morreu em 2014, aos 97 anos, em Campo Grande (MS).

### 3

Trecho da canção Aquarela composta por Toquinho, Vinícius de Moraes, Guido Morra e Maurizio Fabrizio, em 1983. Disponível em: <https://www.discogs.com/Toquinho-Aquarela/release/2328050>. Acesso em: 14 jan. 2019.

Para Carpinejar (2001, p. 16), Barros não recorre à utilização produtiva dos objetos estabelecida em padrões de qualidade e eficácia. “Suas imagens são conceitos de repouso e lazer, restritas às aspirações lúdicas e descobertas verbais”. O poeta trabalha com ruínas das imagens convencionais, alterando o aspecto semântico e o vocabulário utilizado no dia a dia. Nesse sentido, as palavras são “lambidas” e promovem o reaprendizado de “errar” a língua (CARPINEJAR, 2001, p. 23). Elas ganham outras significações e impõem estranhezas. Os objetos desaparecem de clichês e das definições que indicam aproveitamento comercial.

Para Rodrigues (2016), Manoel de Barros utiliza a palavra para criar fotografias, desconstruindo a língua das formas estabelecidas e desordenando as imagens comuns do cotidiano. “É da desordem das palavras, da sintaxe inusitada, das formas livres de se pensar e usar a língua que Manoel constrói seus poemas, suas fotografias” (RODRIGUES, 2016, p. 45). Inventando novos verbos, as palavras mostram várias faces possíveis, como se Manoel de Barros portasse uma câmera fotográfica imaginária, poética, e desenvolvesse suas buscas ao encontro de imagens e fotografias. O poeta capta “[...] forças infinitas que abundam na natureza para transformá-las em finitas palavras e imagens” (RODRIGUES, 2016, p. 47), gerando possibilidades outras de construção de frases e o alcance de uma linguagem própria, mirar o mundo das sutilezas e transformá-las em imagens e fotografias.

Nesse sentido, “Manoel tornou-se um poeta que convence seus leitores a também carregarem água na peneira, pois é quase impossível sair de seus textos sem tornar-se um pouco poeta, sem ter a vontade de entortar os verbos e escutar a cor dos passarinhos” (RODRIGUES, 2016, p. 50). Sua escrita, que lambe e contorce as palavras, interessa-nos, aqui, uma vez que buscamos experimentar um modo de escrever sensível às imagens que bagunçam o pensamento marcado pela rigidez e dureza de supostas verdades universais, descoladas da vida e dos corpos.

As palavras/imagens do poeta nos dão fôlego e alegria para lutar contra os excessivos direcionamentos que padronizam a escrita acadêmica predominante e a fazer da linguagem uma via de invenção.

## Escrever, delirar, viver...

No descomeço era o verbo.  
 Só depois é que veio o delírio do verbo.  
 O delírio do verbo estava no começo, lá onde a  
 criança diz: Eu escuto a cor dos passarinhos.  
 A criança não sabe que o verbo escutar não funciona  
 para cor, mas para som.  
 Então se a criança muda a função de um verbo, ele  
 delira.  
 E pois.  
 Em poesia que é voz de poeta, que é a voz de fazer  
 nascimentos-  
 O verbo tem que pegar delírio (BARROS, 2016, p. 17).

Fazer delirar o verbo e escutar o inaudível são desafios imprescindíveis no processo de escrita deste trabalho. É preciso ouvir os gritos dos corpos que lutam para que o delírio possa fazer parte dos processos de produção do conhecimento. Delirar, praticar desvarios, disparatar, despropositar no

texto, entre palavras e imagens. Construir formas delirantes que ultrapassem as divisões entre razão, afetos e sensações. Olhar para os interstícios ou meios híbridos que promovem outros olhares e discussões sobre a vida (FONSECA; COSTA; MOEHLECK; NEVES, 2010). Como argumentam Fonseca et al. (2010), quando operamos em linhas fronteiriças “[...] estamos próximos de uma aventura inventiva, pois somos tomados por uma espécie de curiosidade e zelo para aquilo que altera as formas a priori” (FONSECA; COSTA; MOEHLECK; NEVES, 2010, p. 171).

Instigados pela escrita singular de Manoel Barros, deslocamo-nos dos procedimentos certos e experimentamos um não saber, decorrentes de estranhos movimentos do pensamento e do corpo que buscam delirar e transbordar. Assim, afirmamos nossa escolha pela desobediência e criamos outros caminhos. “Não agüento ser apenas um sujeito que abre portas, que puxa válvulas, que olha o relógio, que compra pão às 06 horas da tarde, que vai lá fora, que aponta lápis, que vê a uva etc. etc. Perdoai. Mas eu preciso ser Outros” (BARROS, 2010, p. 374).

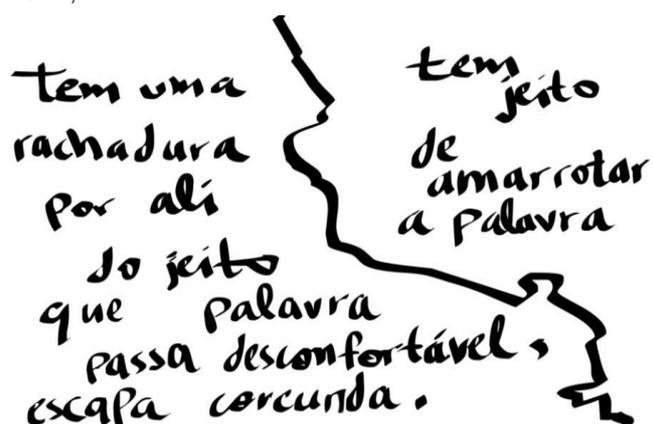
O texto poético de Manoel de Barros remete-nos à Deleuze (2011) que concebe o escrever não como imposição de uma forma de expressão, mas como uma tarefa voltada para o informe e o inacabado. “A escrita é inseparável do devir: ao escrevermos, devimos-mulher, devimos-animal ou vegetal, devimos-molécula até devir-imperceptível” (DELEUZE, 2011, p. 01). Os devires têm um componente de fuga das formas que criam zonas de indiscernibilidade e indiferenciação, e a literatura, por possibilitar a criação de devires, torna-se uma tarefa de saúde que consiste em inventar um povo que falta. “Pertence à função fabuladora inventar um povo” (DELEUZE, 2011, p. 05). Um povo menor, bastardo e absorvido por devires revolucionários.

Nessa perspectiva, a literatura promove delírios como possibilidade de resistência ao que esmaga, aprisiona e interrompe processos doentios. “Fim último da literatura, distinguir no delírio essa criação de uma saúde ou essa invenção de um povo, quer dizer, uma possibilidade de vida” (DELEUZE, 2011, p. 06). Traçar uma língua estrangeira, devir-outro da língua, minoração da língua maior, “[...] um delírio que a transporta, uma linha de feitiçaria que se escapa do sistema dominante” (DELEUZE, 2011, p. 06).

A aproximação com o texto poético de Barros e os argumentos de Deleuze promove uma pequena saúde, em nossos corpos, abrindo brechas de vida no processo de escrita, antes sinalizadas em perguntas e, agora, expressas em palavras/imagens na medida em que somos instigados a rabiscar o que se passa neste encontro.

Este processo poético-acadêmico e gracioso promove certos delírios para que escutemos os gritos de nossos corpos consumidos e abatidos no corre-corre insano do cotidiano universitário. Conquistamos saúde e vida. Respiramos, puxados por ventos e palavras (BARROS, 2016, p. 30) que passam por entre rachaduras. “Hoje eu atingi o reino das imagens, o reino da despalavra [...]. Daqui vem que os poetas podem compreender o mundo sem conceitos. Que os poetas podem refazer o mundo por imagens, por eflúvios, por afeto” (BARROS, 2015, p. 117).

Imagem 3 – Composição para Barros (Fonte: Desenhos autorais de Marcelo V. C. Amorim).



### Barros, miudezas e o aprendizado inventivo

Passar a palavra desconfortável, amarrotá-la, escapar corcunda. Que aprendizado é esse que ocorre entre palavras/imagens e envolve o orientando e a orientadora? Como aprender com o poeta?

Eu tinha vontade de fazer como os dois homens que vi sentados na terra escovando osso. No começo achei que aqueles homens não batiam bem. Porque ficavam sentados na terra o dia inteiro escovando osso. Depois aprendi que aqueles homens eram arqueólogos [...]. Eu já sabia também que as palavras possuem no corpo muitas oralidades remontadas e muitas significâncias remontadas. Eu queria então escovar as palavras para escutar o primeiro esgar de cada uma. Para escutar os primeiros sons, mesmo que ainda bígrafos. Comecei a fazer isso sentado em minha escrivaninha. Passava horas inteiras, dias inteiros fechado no quarto, trancado, a escovar palavras. Logo a turma perguntou: o que eu fazia o dia inteiro trancado naquele quarto? Eu respondi a eles, meio entressenhado, que eu estava escovando palavras. Eles acharam que eu não batia bem. Então eu joguei a escova fora (BARROS, p. 10, 2003).

Nesse trecho, Manoel de Barros sugere um aprendizado inventivo quando tenta escovar/escavar as palavras, abrindo mão da escova, seu equipamento principal de trabalho. Ao jogar a escova fora, ele arrisca a criar outros modos de tocar as palavras, brincando com elas, rachando sentidos, explorando exuberâncias das miudezas e inutilidades. Ele cria “despalavras” que nos incomodam e geram estranhamentos: “só conheço as ciências que analfabetam” (BARROS, 2015, p. 103).

Soa estranho dar importância às coisas miúdas e inúteis em contextos que exigem de nossos corpos pressa, velocidade e eficiência para conquistarmos aquilo que engrandece ou engordam nossos olhos. Soam estranhas certas despalavras que contrastam com os tijolos de razão, fazendo cercos, não deixando o mato do pensamento engrandecer e virar morada de muitas coisas. Os estranhamentos geram aprendizados: difícil jogar a escova fora, prezar a velocidade das tartarugas, prestar atenção nas miudezas e insignificâncias do mundo, afetar e ser afetado pela força de seus signos.

Esses desafios aproximam-nos do aprendizado inventivo que, segundo Kastrup (2001), começa quando problematizamos o mundo e não quando o reconhecemos. A partir de Deleuze, a autora afirma que toda a aprendizagem começa com a invenção de problemas que abarca devires, exigindo

errância e produção de subjetividade. O aprendiz é constrangido à tarefa de reinventar-se e a inventividade não é um privilégio de artistas e cientistas, mas perpassa o cotidiano, quando somos tocados pelos signos que exercem, na subjetividade, uma ação direta, sem a mediação da representação. Os signos podem ser emitidos por matérias, objetos, pessoas e extraídos da madeira, culinária, de um corpo doente etc. Por meio deles, “[...] captamos a fluidez da matéria, mais do que a solidez do mundo dos objetos conhecidos” (KASTRUP, 2001, p. 20). Por isso, eles apresentam a força de uma interrogação que força a pensar. A aprendizagem inventiva, nesse sentido, é “[...] resultado da tensão entre as formas existentes, constituídas historicamente, e os abalos, as inquietações, os estranhamentos que nos afetam” (KASTRUP, 2001, p. 23).

A partir dos signos dos textos poéticos de Manoel de Barros, vamos aprendendo a brincar e desenhar palavras de outras maneiras. Este aprendizado, que implica a invenção de si e do mundo (KASTRUP, 2001, p. 26), desafia o orientando e a orientadora a não se furtarem à condição de aprendizes e a perceberem que “o plano de sintonia mestre-aprendiz é um plano de criação, uma zona de vizinhança, um espaço híbrido. O mecanismo não é de identificação, mas de contágio e propagação” (KASTRUP, 2001, p. 26).

Nesse sentido, o professor não é o centro do processo ensino-aprendizagem, mas um emissor de signos, atrator de afetos que exerce a função de conduzir e acompanhar o processo, arrastando o orientando para a experimentação dos devires que decorrem do encontro com a poesia de Manoel de Barros. Não há método de trabalho para a aprendizagem inventiva, mas uma política pedagógica a ser praticada que consiste numa relação com o saber, não para acumular e consumir soluções, mas para “[...] experimentar e compartilhar problematizações, e a adoção da arte como ponto de vista, faz parte desta política” (KASTRUP, 2001, p. 26).

No aprendizado de escrita e orientação do TCC que sustenta este artigo, buscamos atender as exigências formais para a conclusão de um curso de graduação, fazendo deslocamentos e usufruindo de pequenas coisas em favor da saúde da escrita e de nossos corpos, agarrados a modelos que nos entristecem e despotencializam. Desejamos experimentar aspectos menores de uma língua maior, afetada por desterritorializações (DELEUZE; GUATTARI, 2002, p. 38).

Propor linguagens menores que tensionem a língua acadêmica majoritária é um desafio posto no percurso da escrita deste trabalho em que a poesia se torna uma forte aliada na busca por novos sentidos e sensações. Nesse processo, tocados por ciscos, sobras e miudezas, deparamo-nos com uma língua em que se permite o chão ter voz, as cores terem perfumes e as formas terem silêncio. “Desinventar objetos. O pente, por exemplo. Dar ao pente funções de não pentear. Até que ele fique à disposição de ser uma begônia. Ou uma gravanha” (BARROS, 2016, p. 15).

Assim, mergulhamos no conhecimento como matéria-força que convoca a sensação engendrada pelo exercício intensivo e exige a presença viva do outro, não a sua representação; ao contrário do conhecimento como matéria-forma que convoca a percepção operada pelos órgãos dos sentidos (ROLNIK, 2003). Essa escolha é política e estética, não porque mexe com pedras, bichos, terra, plantas, gravetos, formigas, borboletas etc., em oposição às “grandes” coisas, mas porque lida com o mundo como matéria-força, movida pela intensidade dos ciscos ou das partículas minúsculas que conectam palavras e imagens.

Portanto, a questão que nos interessa, aqui, não é a recusa das regras estabelecidas para sermos diferentes ou criativos, mas explorar matérias estéticas e abrir passagens para outros modos de expressão. Escrever/desenhar palavras úteis e/ou inúteis como aprendizes de coisas meno-

res que nos atraem e convidam a olhar e escutar o mundo de outras maneiras.

Borboletas me convidaram a elas.  
O privilégio insetal de ser uma borboleta me atraiu.  
Por certo eu iria ter uma visão diferente dos homens  
e das coisas.  
Eu imaginava que o mundo visto de uma borboleta —  
Seria, com certeza, um mundo livre aos poemas.  
Daquele ponto de vista:  
Vi que as árvores são mais competentes em auroras  
do que os homens.  
Vi que as tardes são mais aproveitadas pelas garças  
do que pelos homens.  
Vi que as águas têm mais qualidade para a paz do  
que os homens.  
Vi que as andorinhas sabem mais das chuvas do que  
os cientistas.  
Poderia narrar muitas coisas ainda que pude ver do  
ponto de vista de uma borboleta.  
Ali até o meu fascínio era azul (BARROS, 2010, p. 393).

## Barros, miudezas e o aprendizado inventivo

Imagem 4 – Excessos para desnomes (Fonte: Desenhos autorais de Marcelo V. C. Amorim).



Chegamos aqui com vários mundos a serem pensados e experimentados, enfrentando os desafios de uma escrita construída por meio de formas “tortas”: sons, pássaros, cores, insetos, rabiscos, gente, cisco, borboletas. Aprendemos com Manoel Barros a não destratar as coisas e a escutar as pequenas sensações que nos puxam e arrastam para lugares incertos/insetos. Devagar, percebemos que perder a razão com as palavras é ganhar terreno para crescer o quintal/mundo que carregamos e produzimos em nossos corpos. “Sei que fazer o inconexo aclara as loucuras./Sou formado em desencontros./A sensatez me absurda./Os delírios verbais me terapeutam” (BARROS, 2015, p. 99). Somos tomados por devires: animal,

pássaro, borboleta, criança. Devir-outro, inventar línguas e existir de outros jeitos.

Como afirmam Deleuze e Guattari (2012), na linha do devir só tem um meio e nela não encontramos origem nem destino. Trata-se de um meio acelerado, um movimento que parte das formas que se tem, do sujeito que se é, das funções que se preenche para extrair partículas entre relações de movimento e repouso, velocidade e lentidão, mais próximas das que nos tornamos. “Um devir não é um nem dois, nem relação de dois, mas entre-dois, fronteira ou linha de fuga” (DELEUZE, GUATTARI, 2012, p. 96). Uma zona sem distinção de localização que “[...] arrasta dois pontos distantes e contíguos levando um para a vizinhança do outro” (DELEUZE, GUATTARI, 2012, p. 96). Assim, o devir é uma antimatéria, um movimento que não está no limiar da percepção.

Devir-criança ou devir-borboleta não implicam semelhanças, agir de modo infantil ou voar como um inseto. O que está em jogo é o movimento que nos arrasta para zonas de vizinhança entre a infância ou entre um inseto; linhas de escape das formas identitárias que assumimos no dia a dia, seja de estudante ou professora com suas perspectivas teórico-práticas específicas.

Experimentar esses devires na pele gera alegria e faz perceber os desafios do processo de formação, quando desejamos tocar nas fissuras do campo psi, nos seus dizeres e saberes que, muitas vezes, dificultam a abertura da subjetividade aos devires que atravessam os processos vitais.

Imagem 5 – Dessemelhanças do pensar (Fonte: Desenhos autorais de Marcelo V. C. Amorim).

ainda não tinha pensado  
 rabisco, achava o  
 rabisco  
 tudo igual.   
 Pensei  
 pensamento, saiu  
 muita curva.

Pensar rabisco e curvar as palavras é um desafio que enfrentamos, neste texto, o qual trava lutas difíceis contra certas algemas do pensamento. Não é fácil entrar no jogo que se constrói entre formas e forças, criação e desconstrução de mundos. Em um cenário sócio político assombroso, que aponta para retrocessos gritantes e endurece a apreensão da realidade, Manoel de Barros facilita esse processo - de criar intimidade com as coisas pequenas e a desendurecer o olhar para o mundo. É preciso aprender com as lagartixas, com as borboletas, com a grama que transitam por entre diferentes lugares, sobrevivem, resistem e transbordam. Na psicologia, isso é vital, se desejamos torná-la “sensível aos acontecimentos e aos encontros com um plano caótico e vivo, produtor de crises e novos enredos para o sujeito e a vida” (FONSECA et.al., 2010, p. 171).

## Considerações finais

Entre imagens e palavras criamos possibilidades atravessados pela poesia de Manoel de Barros que nos inserem em um jogo de experimentação inusitado. Lidamos com ferramentas de resistência forjadas com palavras e desenhos para escapar dos enquadramentos impostos à vida escolar. É difícil fugir deles, tanto quanto criar outros rumos e sobreviver.

Quando aproximamos de autores que nos ajudam a driblar ou dar pequenos coices nas coisas consideradas úteis e produtivas, aprendemos a inventar outros nomes e sentidos para nossas práticas, especialmente, as acadêmicas. Sujamo-nos com as ignoranças, os ciscos, os verbos tortos e desmorremos um bocadinho. Buscamos escutar a cor dos passarinhos com a ajuda da poesia e, com isso, dar mais vida ao texto acadêmico inserido em mundo, majoritariamente, capturado pela racionalidade técnica.

Em um espaço marginal, entre desenhos, poesias e argumentos filosóficos, saboreamos a fertilidade de um pensamento atravessado por miudezas e construímos “esticadores de horizontes” (BARROS, 2016, p. 73). Entre palavras e imagens, criamos coragem para desarrumar frases e tentamos desarrumá-las da melhor maneira que pudemos. Ganhamos leveza e constatamos que a formação em psicologia também pode ser estética, poética e porosa a outras linguagens.

Ao retomarmos os pontos de partida deste trabalho, afirmamos que é possível brincar com as imagens e as palavras, embaralhá-las e sustentar outros modos de produção de conhecimento. É possível fazer com que a escrita e o pensamento ganhem velocidade por meio das imagens e exercitá-los como função estética e política de criação de si e do mundo. A pergunta “o que se passa entre palavras e imagens” continua a ecoar e provocar novos estudos e novas reflexões.

O abandono do lugar me abraçou de com força.  
E atingiu meu olhar para toda a vida.  
Tudo que conheci depois veio carregado de abandono.  
Não havia no lugar nenhum caminho de fugir.  
A gente se inventava de caminhos com as novas palavras.  
A gente era como um pedaço de formiga no chão.  
Por isso o nosso gosto era só de desver o mundo (BARROS, 2010, p. 463).

## Sobre o artigo

**Recebido:** 09/01/2020

**Aceito:** 19/02/2020

## Referências bibliográficas

- BARROS, M. **Gramática expositiva do chão**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1990.
- BARROS, M. **Memórias inventadas: a infância**. São Paulo: Planeta, 2003.
- BARROS, M. **Meu quintal é maior do que o mundo**. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2015.
- BARROS, M. **O livro das ignoranças**. Rio de Janeiro: Alfaguara, 2016.
- BARROS, M. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

- CARPINEJAR, F. **Teologia do Traste: A poesia do excesso de Manoel de Barros**. 2001, 117f. Dissertação (Mestre em Literatura brasileira) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: 2001.
- COSTA, L. B. **Ainda Escrever: 58 combates para uma política do Texto**. São Paulo: Lumme Editora, 2017.
- COSTA, L. B. Cartografia: uma outra forma de pesquisar. **Revista Digital do LAV**. Santa Maria, v. 7, n. 2, p. 66-77, 2014.
- DELEUZE, G. **Crítica e clínica**. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Kafka. Para uma literatura menor**. Lisboa: Assírio e Alvim, 2002.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 1. Tradução de Aurélio Guerra Neto e Celia Pinto Costa. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**. vol. 4. Tradução de Suely Rolnik. São Paulo: Editora 34, 2012.
- FONSECA, T. M. G.; COSTA, L. A.; MOEHLECK, V.; NEVES, J. M. O delírio como método: a poética desmedida das singularidades. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p.169-189, 2010.
- KASTRUP, V. Aprendizagem, arte e invenção. **Psicologia em estudo**. Maringá, v. 6, n. 1, p. 17-27, 2001.
- KASTRUP, V. O funcionamento da atenção no trabalho do cartógrafo. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, p. 32-51, 2015.
- KASTRUP, V.; BARROS, R. B. Movimentos-funções do dispositivo na prática da cartografia. In: PASSOS, E.; KASTRUP, V.; ESCÓSSIA, L. (Orgs.). **Pistas do método da cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade**. Porto Alegre: Sulina, p. 76-91, 2015.
- MACHADO, L. D. O desafio ético da escrita. In: **Psicologia & Sociedade**, v. 16, n. 1, p. 146-150, 2004.
- POZZANA, L. A formação do cartógrafo é o mundo: corporificação e afetabilidade. **Fractal, Rev. Psicol.**; v. 25, n. 2, p. 323-338, 2013.
- RODRIGUES, E. R. Poesia e imagem em Manoel de Barros. **Revista Entrelaces**, v. 1, n. 8, p. 41-51, 2016.
- ROLNIK, S. O ocaso da vítima: para além da cafetinagem da criação e de sua separação da resistência. **ARS**, v.1, n.2, São Paulo, 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ars/v1n2/07.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2019.
- ROLNIK, S. **Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo**. São Paulo: Editora Estação Liberdade, 1989.